Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

SERMAM
DO ESPOSO
DA MAY DE DEOS
S. IOSEPH.

NO DIA DOS ANNOS

DELREY NOSSO SENHOR

DOM IOAM IV.

Que Deus guarde por muytos,
& feliciſſimos.

Pregou o na Capella Real

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA
de IESV Prègador de S. Mageſtade.

Com todas as licenças neceſſarias.

EM LISBOA.

PorDomingos LopesRoſa. Anno 1644.

SERMAM

DO ESPOSO

DA MAY DE DEOS

S. IOSEPH

NO DIA DOS ANNOS

DE LREY NOSSO SENHOR

DOM IOAM IV.

Que Deus guarde por muytos,

& felicissimos.

Pregou a na Capella Real

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA

de Iesv Pregador de S. Magestade.

Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA.

Por Domingos Lopes Rosa. Anno 1644.

SONHOV Ioseph [Muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos] sonhou Ioseph, o que depois foy Vizorey do Egypto, que o Sol, a Lua, as estrellas abatendo do Ceo a terra a Magestade luminosa de seus resplãdores, humildemente postrados o adorauão. Gen. f. 37.

Quis interpretar este sonho seu pay, & disse, q̃ elle Iacob era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Rubẽ a Beniamin as estrellas, & que viria tempo a Ioseph, em q̃ Deus o leuantaria a taõ soberana fortuna que seu mesmo pay, sua mãy, & seus irmaõs, com o juelho em terra o adorassem. Os Doutores commumente tem esta interpretaçaõ do sonho por verdadeira; mas o certo he que hum Ioseph foi oque sonhou, & outro Ioseph foy o sonhado. O Ioseph que sonhou foi Ioseph o filho de Iacob; o Ioseph sonhado foy Ioseph o esposo de Maria. O Ioseph filho de Iacob sonhou somente; porque ainda que digamos, que em seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he certo q̃ em Rachel sua mãy lhe faltou a adoração da Lua, porque quando Iacob, & seus filhos adoraraõ a Ioseph no Egypto ja era morta Rachel, & ficaua sepultada em Belẽ. Segue se logo, que o Ioseph verdadeiramente sonhado foi Ioseph o esposo de Maria, porque nelle se compriraõ cabalmente todas as partes do sonho. Adorou a Ioseph o Sol porque a titulo de sogeição filial lhe guardou reuerencia, & acatamento o mesmo Sol de Iustiça Christo: *& erat subditus illis*: adorou a Ioseph a Lua, porq̃ a titulo de verdadeira esposa lhe deueo obediencia, & amor aquella senhora, que he como a Lua fermoza: *pulchra vt Luna*: adoraraõ a Ioseph as Estrellas porque a titulo, ou reputaçaõ de pay de seu Mestre o respeitarão com grande veneração Luc. 2. Cant. 6.

os Apposto-
los, aqueles de quem diz o Spirito Santo: *Ful-*
Dan. 12. *gebunt quasi stellæ in perpetuas æternitates.* E quando sò a Vir-
gem Maria adoraſſe a Ioſeph ſeu eſpoſo, neſta sò adoraçaõ
ſe cõpria todo o ſonho inteiramẽte; porq̃ nella o adoraua
o Sol, nella a Lua, nella as eſtrellas: o Sol, *Mulier amicta Sole,*
Apoc. 12. a Lua, *Luna ſub pedibus eius,* as eſtrellas, *& in capite eius corona*
duodecim Stellarum.

Eſte he S. Ioſeph, ſenhor, & eſte he o ſoberano Planeta, q̃
predominou neſte fermozo dia, dia em que com o feli-
ciſſimo nacimento de V. Mag. naceu outra ves aos Portu-
guezes a eſperança, ao Reyno a liberdade, & Portugal a ſy
meſmo. Iuſto era que o nacimento de tão grande, & nouo
Rey melhoraſſe ſuas cõſtellaçoẽs o Ceo, & lhe aſſiſtiſſẽ no
uos, & mayores Planetas. Nos nacimẽtos dos outros Princi
pes & Monarchas do mũdo, ou predomina o Sol, ou predo-
mina a Lua, ou predomina algũa das Eſtrellas; mas neſte
nacimẽto ſingular, para q̃ foſſe mais felice q̃ todos, predo-
minou hum Planeta nouo, & ſuperior, aquẽ o Sol, aquem a
Lua, aquẽ as eſtrellas adoraõ. Parecerá iſto modo de fal-
lar, & cõſideraçio só minha, mas he doutrina muy aſſen-
tada, não menos q̃ deſdo antiquiſſimo Tortuliano. Notou
eſte grande Doutor, q̃ os Magos no nacimento de Chriſto
não renũciaraõ a aſtrologia, mudaramna. Antes de Chriſ-
to nacer obſeruãoſe as eſtrellas do Ceo, depois de ſeu
nacimento obſeruãoſe as eſtrellas de Chriſto. *De Chriſto*
Tertul. *eſt Matheſis hodie, Stellas Chriſti non Saturni, & Martis obſeruat.*
Parece que para eſte dia forão corradas eſtas palauras. *De*
Chriſto eſt Matheſis hodie: a aſtrologia do dia de hoje he de
Chriſto: *Stellas Chriſti non Saturni, & Martis obſeruat:* não
obſeruamos eſtrellas de Marte, ou de Saturno, cujos iui-
zos ſaõ tam errados como fabuloſos ſeus nomes; obſerua-
mos hũa Eſtrella de Chriſto, Eſtrella aquem todas demais
adorão, que he, não Ioſeph o filho de Iacob, ſenão Ioſeph
o filho de Dauid: *Ioſeph fili Dauid noli timere.*

Sendo pois tam ſuperior a Eſtrella deſte dia, ſendo taõ
diuino o planeta deſte nacimento, quaes ſeraõ, ou quaes

ſeriaõ

serião soas influencias? Ora eu para satisfazer a todas as obrigaçoens desta solemnidade, & para que com deuoto agradecimento conheçamos os Portuguezes o muyto, que deuemos ao diuino Esposo da Virgem, pretendo mostrar hoje com algũa euidencia, que a liberdade a que este Reyno se restituio, & todos os bens, que com ella gozamos, saõ & foraõ influencias de Sam Ioseph. Tudo oque auia mister, & tudo o que podia dezejar influyo neste seu dia a Portugal este soberano Planeta. Tudo oque Portugal hauia mister, & tudo oque podia dezejar era ser Reyno, & ter Rey. Porque ainda que na realidade hũa, & outra cousa tinhamos, nem o Reyno sem Rey era Reyno, nem o Rey sem Reyno, era Rey. Pois que fez neste seu dia Sam Ioseph? para que o Rey tiuesse Reyno influio ao Reyno restituição de liberdade. E para que o Reyno tiuesse Rey influio ao Rey calidades, & perfeiçoẽs Reaes. Esta será a materia. Para fundamento, & proua de toda ella, não quero mais que a metade das palauras do thema: *Ioseph fili Dauid.* Todas as palauras do Euangelho seraõ proua destas duas: & estas duas palauras seraõ reposta de todas as duuidas do Euangelho.

Ioseph fili Dauid noli timere.

ESTando cuidadoso, & afligido Sam Ioseph entre as perplexidades do Mysterio da Encarnação, cujos effeitos via, & cujas causas ignoraua, diz o nosso Euangelista, que lhe apareceu hum Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili Dauid noli timere.* Ioseph filho de Dauid não temas. Depois pode ser que pondere, o não temas, & agora reparo somente no filho de Dauid. Filho de Dauid Ioseph a estas horas! com que fundamento? se a soberania daquella prosapia estaua ja tam enuelhecida, ou tão enuilecida em Ioseph, que o sceptro Real de Dauid pella injuria, & inconstancia dos tempos tinha ja degenerado

em suas mãos a instrumentos mecanicos,como lhe chama filho de Dauid o Anjo? chamelhe oque he,não lhe chame oque foi,que isso ja não lembra. Saõ Pedro Chrysologo respondeu a esta duuida cõ hũas palauras,q̃ lendo escritas em Italia ha oitocẽtos annos, parece, que se escreueraõ em Portugal de tres a esta parte. *Chrysol.* *Videtis fratres in persona genus vocari, videtis in vno totam prosapiam nuncupari, videtis in Ioseph seriem dauidici stemmatis iam citari. Trigesima octaua generatione natus quomodo Dauid filius dicitur, nisi quia gentis aperitur arcanum, fides promissionis impletur.* Largas mas diuinas palauras! Chamou o Anjo a S. Ioseph filho de Dauid sendo a trigessima oitaua geraçaõ daquelle Rey (dis Chrysologo) para que se iembrasse o Santo das profecias antigas, & entendesse que o Reyno de Israel tiranizado pellos Romanos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo successor, conforme o iuramento feito a el Rey Dauid primeiro fundador daquella Coroa: *Iurauit Dominus Dauid veritatem, & nõ frustrabitur eũ de fructu ventris tui ponã super sedẽ tuam* Donde he bem que notemos as palauras do iuramento, nas quais diz Deos a Dauid, que o fruto do seu vẽtre se assentaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũa Raynha parece, que estaua dito com propriedade: o fruto do teu ventre se tornará a assentar no trono Real; mas fallãdo cõ hum Rey? fallando com Dauid? sy: porque como diz Santo Ireno, Tertulliano, & S. Agostinho, quis Deos significar, que quando o Reyno se restituisse hauia de ser preferindo a linha feminina á masculina, como verdadeiramente aconteceu, porque ainda que Ioseph, & Maria eraõ filhos de Dauid, Christo q̃ foi o Rey prometido era filho de Dauid por Maria, & não por Ioseph. O caso he tão semelhante ao do nosso Reyno, que não necessita de acomodaçio. De maneira que temos a restauração de hũ Reyno tiranizado, restituido depois de muytas geraçoẽs a seu legitimo Senhor preferindo na successam a linha feminina à masculina, & tudo conforme as profecias anti-

Iren. Tertul. Augnst

gas

gas,& iuramẽto do primeiro fundador do Reyno. Ha propriedade mais propria? pois estas foraõ as primeiras influencias do nosso grande planeta. Para que o Rey, que hoje nacia tiuesse Reyno, influir ao Reyno restituição de liberdade. E ninguem me diga que se não proua, que foraõ isto influencias suas; porque os Planetas quando dominão influem conforme suas calidades, & sendo este o dia, & estas as calidades de S. Ioseph, não se pode negar q̃ forão estas suas influencias.

Esta he a primeira rezaõ do *fili Dauid*. Para a segũda deficulto as mesmas palauras com diuersa ponderação. Este Anjo que aqui apareceo a S. Ioseph, tornoulhe a aparecer outras tres vezes: appareceulhe em Belem quando lhe notificou que se desterrasse para Egypro: appareceulhe em Egypto quando o auisou da morte de Herodes: appareceulhe no caminho de Iudea, quando o alegurou, que podia ir viuer a Nazareth; & de todas estas vezes nenhũa lemos que lhe chamasse filho de Dauid. Pois se este titulo de filho de Dauid o não dá o Anjo em nenhũa outra occasiaõ a Sam Ioseph, neste caso de sua perplexidade porque lhe chama Ioseph filho de Dauid: *Ioseph fili Dauid noli timere?* Varias rezoens dão os Santos, eu darei tambem a minha, porque a quero prouar. Chamou o Anjo a S. Ioseph nesta occasiaõ filho de Dauid; porque se ouue o Santo nesta taõ difficultosa acção com tanta realeza de animo, que bem mostraua, que ainda que a fortuna lhe tirara a coroa da cabeça, tinha muyto de Rey no coração. Chamoulhe filho de Rey, porque vio que se portara muyto como Rey. Esta foy a segunda influencia, que disiamos do nosso Planeta Ioseph neste seu dia. Para, que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeiçoẽs Reais. Bem conheço que parece cousa dificultosa na acção de huns ciumes formar a idea de hum Principe perfeito, mas o descurso me desempenharà, & não nos hade desajudar o Euangelho. Vamos comelle.

Matth. 2.

Numer. 19

Numer. 22

Ioseph autem cum esset vir iustus, & nollet eam traducere voluit occulte

occulte dimittere eam. Diz o Euangelista, que vendo Saõ Ioseph os indicios tão manifestos da Conceiçaõ de sua esposa, que como fosse varaõ iusto, & a não quisesse entregar á justiça, para q̃ a castigasse conforme a ley. Aqui reparo, antes de ir mais por diante. Hũa grande implicação parece que tem este texto. Que quer dizer, que a não quis entregar á Iustiça porque era iusto? se dissera que a não quis entregar á Iustiça porque era piadoso, entaõ parece que estaua mais propriamente aduertido. Perdoar, naõ accusar saõ actos de piedade, não saõ actos de Iustiça. Pois porq̃ troca o Euangelista os termos, & enues de chamar a Ioseph piadoso lhe chama justo: *Ioseph autem cum esset vir iustus?* Chama o Euangelista a S. Ioseph, justo, quando fazia hũa tão grande acçaõ de piedade; porque como Ioseph tinha tanto de Rey, *Ioseph fili Dauid*, tinha obrigação de Iustiça a ser piadozo; & quem tem obrigação de Iustiça a ser piadoso, quando he piadozo he justo. A piedade nos outros homens he piedade, no Principe he Iustiça.

Quiz o bom Ladraõ q̃ vsasse Christo cõ elle de piedade, & disse assi: *Domine memento mei cum veneris in Regnum tuum.* Senhor lembrainos de my depois que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares! & antes porque naõ? A quem tanto padecia naõ lhe estaua milhor o socorro antes mais cedo, que mais tarde? si estaua. Pois porque naõ dis lembraiuos, Senhor, de mi agora, senão depois de chegares a vosso Reyno? A rezão foy, diz Sam Chrisostomo, porque a lembrança, & piedade, que o ladrão pedia antes de Christo ser Rey era fauor, que lhe podia fazer, depois de ser Rey era Iustiça, que lhe não podia negar. Foi tam astuto requerente o ladrão, que sendo a sua petiçaõ de misericordia, quis que fosse o seu despacho de Iustiça, & como os Reys tem obrigação de Iustiça a ser piadosos, por isso disse lembraiuos, Senhor, de my, não antes, senão depois de vires ao vosso Reyno, porque a mesma piedade que antes de Christo ser Rey era piedade, depois de ser Rey era Iustiça. He verdade que a miseria, que o ladrão padecia

Chrysost.

padecia era prezente: mas como a mizericordia, que eſperaua, antes de Chriſto Reynar, era voluntaria, & depois de reynar, deuida; por iſſo regulou ſabiamente o ſeu requerimento, não pelo tempo, em que experimenta em ſy a neceſſidade, ſenão para o tempo, em q̃ conſideraua em Chriſto a obrigação. *Cum veneris in Regnum tuũ.* Não peço a piedade para agora, ſenaõ para depois que eſtiueres no voſſo Reyno; porque ainda que eu a não mereço agora, por ſer culpado, vos ma deuereis depois por ſeres Rey. E Chriſto que ja na Cruz era Rey, & Chriſto que ja na Cruz eſtaua no ſeu Reyno, que he oque fez? *Hodie mecum eris in paradiſo.* O ladraõ pedia a piedade para depois, porque cuidaua que Chriſto ainda não era Rey, & Chriſto concedeulhe a piedade logo, para moſtrar q̃ ja o era. Hoje, hoje eſtaras comigo no paraizo. Como ſe diſſera o ſenhor. Pedeſme piedade a titulo de Rey, pois ja ta dou, porque ja ta deuo; Rey ſou. E ſe a piedade nos Reys he diuida, ſe a piedade nos Reys he iuſtiça: que muito que ſe chame iuſto, quando foi piadozo, quem tinha tanto de Rey como Ioſeph? *Ioſeph fili Dauid.* Sendo piadoſo foi iuſto, porque perdoando a offenſſa, q̃ ſoſpeitaua, pagou oque deuia aquem era. O perdã de ſua eſpoza, foraõ obrigaçoẽs de ſeu pay: *Ioſeph fili Dauid Et nollet eam traducere, voluit dimittere eam.* Naõ a quis entregar á iuſtiça, quis deixala, & irſe. A ſegunda couſa em que S. Ioſeph moſtrou ſer filho de Dauid, foy aquelle *nollet*, & aquelle *voluit*. Quis deixala, & naõ a quis entregar: Quis, & naõ quis? O quanto tẽdes de Rey, diuino Ioſeph! Em nenhũa couſa ſe moſtra mais o ſer de Rey, que em ter querer, & ter naõ querer. A liberdade da vontade humana, como dizem os Theologos, conſiſte em hũa indiferença, que ſe chama quero, ou naõ quero. Tal hade ſer a vontade Real: liure, & naõ ſogeita. O Principe nem hade ter a ſua vontade ſogeita a outrem, nem hade eſtar ſogeito à ſua võtade. Se tẽ a ſua vontade ſogeita a outrem, naõ he Rey dos ſeus, ſe eſtà ſogeito á ſua vontade, naõ he Rey de ſy. Pois para Reynar ſobre ſy, & ſobre os ſeus, hade ter a vontade

tade em hũa indefferença taõ liure, & taõ senhora, q̃ seja seu o querer, & seu o naõ querer: *nollet voluit.*

Quis Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, não deu Deos o Reyno a Ionatas, senaõ a Dauid. Pois porque rezão a Dauid, & não
1. Reg. 18. a Ionatas? Ionatas era hum Principe muyto generozo, muyto liberal, muyto benigno, muyto esforçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hum Rey, que para o respeito dos vassallos importa muyto. Dauid pello contrario era hum pastor filho de outro, dequẽ se não sabiaõ mais talẽtos que atirar hũa funda, & tocar hũa arpa. Pois porque deserda Deos a Ionatas, & da a Coroa a Dauid? Eu o direi. Diz o texto fallando de Dauid, & de Ionatas: *Anima Ionatæ conglutinata est animæ Dauid*: que a alma de Ionatas se atou a alma de Dauid. De sorte que ainda que ambas as almas estauão atadas, a que se atou foi a de Ionatas a Dauid, & não a de Dauid a Ionatas. Aduirtio o agudamẽte S. Gre
Greg. Tau. gorio Taumaturgo. *Vincula inferre præstantioris erat. non inferioris, agglutinari autem deterioris. Ita quidem vt vinculis expedire se quodam modo non posset*. E como Ionatas se atou a Dauid, & Dauid a Ionatas nam; por isso tira Deos a Coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mão o sceptro a Dauid. Porque o Principe, como Ionatas, que ata a sua vontade â vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talẽto de Rey: & vassallo, como Dauid, que não sabe atar a sua vontade à vontade doutrem, ainda que seja hum Principe este tem talento de Rey, nam tem talẽto de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades; seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor Dauid. Rey que tenha a vontade atada a outrem nam fas isso Deus:

E porque rezam importa tanto, que o Principe naõ seia sogeito à vontade alhea? Por duas resoens; hũa da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porque naõ he Rey, he subdito: da parte do Reyno, porque naõ he Reyno, he confusam. Começemos por este segũdo.

Quan-

Quando o Sol parou ás vozes de Iosué, aconteceram no mundo todas aquellas conſequencias, que parando o mouimento celeſte, conſiderão os Filoſophos. As plantas por todo aquelle tempo não creſſerão: as calidades dos elementos, & dos miſtos não ſe alteraraõ: a geraçaõ, & corrupçaõ, comque ſe conſerua o mũdo, ceſſou: as artes, & os exercicios humanos de hum, & outro emiſterio eſtiuerão ſuſpenſos: as antipodas não trabalhauão, porque lhe faltaua a luz: os de cima canſados de tam comprido dia deixauão o trabalho: eſtes paſmados de verem o Sol que ſe não mouia: aquelles tambem paſmados de eſperarem pello Sol, q̃ não chegaua: cuidauão, q̃ ſe acabara para elles a luz: imaginauão que ſe acabaua o mundo: tudo erão lagrimas, tudo aſſombros, tudo horrores, tudo confuſoens. Que he iſto? quem deſordenou a compoſtura do Vniuerſo? quem deſcompos a armonia da natureza? donde tanta deſordem, donde tanta confuſão ao mundo? Sabeis dõde? A eſcritura o diſſe em duas palauras. *Obediente Domino voci hominis*: obedecendo Deos a voz de hum homem. E em hum mundo onde Ioſue manda, & Deos obedece: em hum mundo onde manda o criado, que auia de obedecer, & obedece o Senhor que auia de mandar; que muyto que aja confuſoens, que aja deſordens, que aja deſcompoſturas: que muyto que nada creça, que nada ſe obre, q̃ tudo vá para tras: que muyto que os de cima triumfem, & os debaixo chorẽ: & q̃ nacẽdo o Sol para todos, os de cima leuẽ todas as luzes, & os debaixo todas as treuas? *Ioſue 10.*

Com grandes exemplos deſtes ſe tem infamado o mũdo em todas as idades, & ſem pedirmos aos ſeculos paſſados as memorias de Galba, nẽ de Tiberio os noſſos olhos ſão boas teſtemunhas. Nòs o vimos, & nòs o vemos. Pergũto, Portuguezes, vòs que viſtes oque padeceſtes, vos que vedes oq̃ gozais, dõde veo tãta differença em tam poucos annos? A differença não a pondero, porque a vẽ os olhos; a cauſa porque a vem, he só oque pergunto. Sabeis porq̃? porque então tinhamos hum Rey ſogeito a hũa vontade

alhea, hoje temos hum Rey Senhor das vontades alheas & mais da sua: então tinhamos hũ Rey catiuo, hoje temos hum Rey liure: então tinhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedecido: então tinhamos hum Rey senhoreado, hoje temos hum Rey senhor. Esta he a differença. Rey senhor digo [& he a segunda rezaõ] porque o Rey sogeito a vontade alhea naõ he senhor. He Rey subdito, he Rey naõ Rey.

Quando Christo foi leuado ante Pilatos, perguntou elle aos ministros daquella Iustiça: *quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* que quereis que faça do Rey dos Iudeos? Respon-
Marc. 15. deraõ os Escribas, & Fariseus: *tolle, tolle crucifige eum*: quere-
Ioan. 19. mos que o crucifiqueis. E que fes Pilatos? *Tradidit eum voluntati eorum*: entregouo a vontade delles. Porgũto agora, quem fes mayor iniuria a Christo em quanto Rey do
Luc. 23. Iudeos, os Escribas, & Fariseus na sua petiçaõ, ou Pilatos na sua permissaõ? os Escribas em o pedirem para a Cruz, ou Pilatos ẽ o entregar á sua võtade? Todos os Doutores cõmumente condenão mais a Pilatos, & cõ muyta rezaõ. Muyto mayor iniuria fes Pilatos a Christo em sua permissaõ doque os Fariseus em sua petição. Porque os Fariseus no que pediaõ, mostrauão que Christo era verdadeiro Rey, & Pilatos noque permitia mostraua, que Christo não era Rey verdadeiro. Os Fariseus mostrauão, que era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo para a Cruz, & naõ ha mayor proua de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permitia mostraua, que não era Rey verdadeiro, porque entregou a Christo à võtade dos seus, & não ha melhor proua de não ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue a vontade alhea: *Tradidit eum voluntati eorum.* E se não veia-
Matth. 27. mos oque se seguio. Tanto que Pilatos entregou a Christo a vontade delles, immediatamente o vestirão de hũa purpura de farça, deramlhe hum sceptro de cana, puzeramlhe hũa coroa de espinhos, & faziaõlhe grãdes odoraçoẽs zõbãdo: *illudebant ei dicentes, Aue Rex Iudeorum.* De maneira

que

que antes de Christo estar sogeito á vontade alhea, ainda em suas bocas era verdadeiro Rey: *Quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* Mas tão q o entregarão a võtade alhea, logo foi Rey de farça, & de zõbaria: *illudebant ei dicentes Aue Rex Iudeorũ.* Rey entregue a võtade doutrẽ, terá purpura, terà sceptro, terà coroa, terà adoraçoẽs, mas a purpura não he purpura, o sceptro he cana, a Coroa espinhos as adoraçoẽs zombarias: *Illudebat ei dicentes Aue Rex Iudeorũ.* E como he tam grande calidade de Rey ter a vontade sua, & não sogeita; por isso o Anjo chamou a S Ioseph filho delRey Dauid, quando o vio tam isento senhor de sua vontade, q era seu o querer, & o não querer: *cum nollet eam traducere voluit dimittere eam.*

Hæc autem eo cogitante. Resoluto S. Ioseph a deixar sua esposa, diz o texto, q andaua o Sãto considerando: *Hæc autem eo cogitante.* Esta consideraçaõ de S. Ioseph me da muyto q cõsiderar, & q reparar. Não estaua ja o Sãto deliberado, & resoluto? Sy estaua; que isso quer dizer aquelle: *voluit*: deliberação da võtade. Pois se a võtade estaua deliberada, & resoluta, que he oque consideraua Ioseph? Considerar antes de resoluer, isso fazem, ou deuem fazer todos, mas depois de resoluer considerar ainda? Sy. Porque as materias de grande importãcia (qual esta era) hamse de considerar antes, & mais depois. Antes de resoluer hase de considerar o caso, depois de resoluer hase de considerar a resolução. Esta differença acho entre a Filosophia natural, & a moral, & politica; que a Filosophia natural pede hum conhecimento antes da deliberação: *Nihil volitum quin præcognitum;* a Filosophia moral, & politica pede hum conhecimento antes, & outro depois: hum conhecimento antes, que guie a vontade a tomar a resoluçaõ, & outro conhecimento depois, que examine a resolução depois de tomada. Assi o fes Sam Ioseph. Conheceu, & considerou primeiro, & logo resolueo: *voluit*; & depois de resoluto, & deliberado tornou ainda a considerar: *Hæc autem eo cogitante.* Prolog.

Peccou Adam, escondeuse, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, diz o texto, que andaua o Senhor passeando, & fallando consigo no Paraizo: *Audiuit vocem Dei deambulantis*. As vozes, & os passeos tudo era improprio em Deos; porque o fallar consigo encontraua o attributo de sua Sabedoria, & o passear de hũa parte para a outra encontraua o attributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois que obriga a Deos a fallar consigo contra o attributo de infinitamente sabio? que obriga a Deos a passear de hũa para outra parte, contra o attributo de immutauel, ou immouel? Se vinha castigar a Adam, por que o não castiga? Se vinha desterralo do Paraiso, porque o naõ desterra? Porque? Porque era materia grande, & quila Deos cõsiderar primeiro. Por isso passeaua sò, como pẽsativo: por isso falaua consigo, como irresoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como auia procedido em o fazer. Quando o fes, felo com cõselho: *Faciamus hominẽ*: quãdo o desfes desfelo cõ cõsideração: *Audiuit vocẽ Dei deambulantis*. Passear Deos de hũa parte para outra parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão hõra. Com Deos ser por natureza immouel, & immudauel, honrase muyto de auer hũa cousa, que o possa mudar, & mouer, que he a rezão. E como no caso de Adam hauia rezoẽs por hũa, & outra parte, por isso passeaua Deos, & se mouia de hũa parte para a outra, porque de hũa, & outra parte hauia rezoẽs, que o moueſſem. As rezoẽs, que hauia para castigar o leuauão: as rezoẽs, que hauia para perdoar, o trasião. Que me desobedecesse Adam! Heide castigalo. Esta rezão o leuaua. Que haja de deitar do Paraiso hum homẽ, que ainda agora pus nelle! Não o heide castigar. Esta rezão o trazia. Fazer hũ homẽ de nada, foi credito de minha bõdade: desfazelo por pouco mais de nada, por hũa maçã, parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoelhe. Viraua Deos o passeo. Mas que hum homem leuãtado de nada se atreuesse contra quem o criou! hegrande soberba! E que hum homem por pouco mais de nada, por

Gen. 3.

hũa

hũa maçã, arraſtaſſe tantos reſpeitos! he grande engratidão Não lhe hei de perdoar. Tornaua a voltar Deos, & ir por diante. De maneira que aſſi andaua o Supremo Rey, como fluctuando de hũa razão, para outra; conſiderando antes de reſoluer, & depois de reſoluer tornando a conſiderar. Bem aſſi como S. Ioſeph neſte cazo. Hũa vez ſobre conſiderado reſoluto, & outra vez ſobre reſoluto conſiderado: *Hæc autem eo cogitante.*

Se fora noutra mareria não me eſpantara muyto, mas ẽ materia de ciumes, ẽ materia, em que lhe não hia menos que honra, & amor, que não ſe arrojaſe Ioſeph, que não ſe precipitaſſe! grande capacidade de animo. La diz Chriſto que ſe hũ cego guia outro cego ambos ſe deſpenhão: *Cæcus ſi cæco ducatũ præſtet, nõ ne ambo infoueã cadent?* Aqui guiou hum cego a outro cego, & não ſe deſpenhou nenhum. O ciume guiaua a Ioſeph, o amor guiaua o ciume, & ſendo cego o ciume, & cego o amor, não forão baſtantes dous affectos cegos, & tam cegos para que a prudencia de S. Ioſeph ſe precipitaſſe. Diſſe affectos cegos, & tam cegos; porque os ciumes de S. Ioſeph erão fundados nas euidẽcias doque vira, & não ha mais perigoſas cegueiras, q as q̃ tem da ſua parte os olhos. Dous olhos, & dous cegos guiauão a Ioſeph neſte cazo, ò que occaſiam para hum precipicio! & que elle ſe tiueſſe tão firme nos eſtribos de ſua prudencia; que nem a viſta lhe deſlumbraſſe a cegeira, nẽ a cegeira lhe eſcureceſſe a viſta, para que ſe arrojaſſe! grãde valor. Mas era Ioſeph filho de Dauid, & quem tinha tanto de Rey, como auia de ſer arroiado? *Math. 15.*

Quizeraõ matar a Chriſto os de Cafarnaum, & com eſte intento o leuarão a hum monte alto, para dahi o deſpenharem. Que faria Chriſto neſte paſſo? Feſſe inuiſiuel; & paſſando occulto pelo meyo delles, eſcapou de ſuas mãos. Senhor, q̃ reſolução he eſta? Vos não vieſtes ao mũdo a morrer pelos homens? Si vieſtes. Morrer a mãos dos meſmos, por quem ſe morre, ainda he mayor credito do amor; que ſeja o inſtrumento quem he a cauſa. Pois ſe *Luc. 4.*

tendes

tendes tão boa occasiaõ de dar a vida, porque a não lo grais? Porque fogis da morte? Direi Christo Senhor nos so no dia de sua morte tinha determinado tomar o titol de Rey, de que na vida fogira: estes homens queriamn matar arrojandoo de hum monte abaixo: *Vt præcipitarent eum*; pois por isso o Senhor ainda que dezeiasse muyt morrer, não admitio este genero de morte: porque naõ di zia bem a acçaõ de arrojado com o titolo de Rey. Rey, & crucificado, isso sy: que assas cruz, he o Reynar; mas Re & arrojado naõ: porque encontra o titulo dessa Cruz. L outra ves o diabo aconselhou a Christo que se arrojasse e
Math. 45. le: *mitte te deorsum*. Estes homens aqui quiseramno arroja com suas mãos: *vt præcipitarent eum*. Mas Christo, nẽ se lo geitou a esta violencia, nem quis tomar aquelle conselho porque o Principe, nẽ se hade arrojar a sy, nem o hade ar rojar outrem. Nem por impeto proprio, nem por impulso alheo. E como he tão grande parte de Rey não ser arroja do, por isso S. Ioseph o foy tão pouco nesta occasiõo, que o achou o Anjo temeroso, quando o pudera achar temer rio. *Ioseph fili Dauid noli timere*. O que glorioso não temas que deção Anjos a socegar temores em lanço, que deueraõ decer a resistir temeridades? Mas assi obra quem assi con sidera, & assi considera, quem he filho de Dauid. *Hæc autem eo cogitente*.

Ia reparamos no *cogitante*, reparemos agora no, *Eo. Ha autẽ[eo] cogitãte*. Com ser hũa palaura de sòs duas letras, tẽ muyto que reparar. Diz o Euangelista, que as considera çoẽs, que Ioseph fazia sobre este cazo, elle as discorria consigo: *eo*, elle. Muito pondera Euthimio que as nãc
Euth communicasse com outrem, & tem rasaõ. Porque o cuidado & affliçaõ de S. Ioseph auia mister aliuio, & remedio, o a liuio estaua na cõmunicação, o remedio no conselho: pois porque se naõ aconselha S. Ioseph num caso tam duuido so, porque o nam communica com outrem? Porque em materias grandes (como era esta) muytas vezes importa mais o segredo, que a resoluçam. E negocio em que im portau

tanto o segredo, naõ fora S. Ioseph filho de Dauid se a cõmunicara com outrem. Materias em que pode ser perigosa a falta do segredo, naõ haõ de sair do peito do Principe nẽ para o mayor valido, nem para o mayor confidente, nem para o mayor amigo.

He certo, que perguntou S. Ioaõ a Christo quem era o traidor, que o auia de entregar: he certo que Christo lhe respondeo: he certo que dormio reclinado em seu peito S. Ioaõ; mas não he certo quando adormeceo. Pergunto, em que ponto adormeceo S. Ioaõ? Dizem algũs Doutores, q adormeceo tanto, que acabou de preguntar; de maneira, q quando Christo respondeo, jà S. Ioaõ estaua dormindo. Fũdaõ este parecer no texto; porque diz absolutamente que nenhũ dos que estauam á mesa soube oque Christo disse. *Hoc autem nemo sciuit descumbentium.* Se nenhum: logo nem S. Ioaõ. E se Sam Ioão, aquem se disse, o não ouuio: logo já estaua dormindo. Pois que mysterio teue este sono subito? Que em tal occasiaõ não podia ser a caso. Porque adormeceo S. Ioaõ à reposta de Christo? O mysterio foy este. Viose Christo Senhor nosso naquella ocasiaõ como em tales constrãgido a faltar a hũa de duas: ou ao respeito de amigo, ou a obrigação de Rey. Senão digo a Ioão o q me pergunta, falto aos respeitos de amigo: se descubro hũ segredo de tanta importancia falto ás obrigaçoẽs de Rey: pois que remedio para não faltar ao amor, nem ao segredo? O remedio foy, ordenar Christo, que S. Ioão adormecesse, tanto que perguntou, para que não pudesse ouuir o mesmo q̃lhe respõdia. E desta maneira ficou o Senhor satisfazendo jũtamente as obrigaçoẽs de Rey, & aos respeitos de amigo: aos respeitos de amigo, porque respõdeo ao que Ioão lhe perguntara: & as obrigaçoẽs de Rey, porque não communicou o que conuinha encobrirse. De sorte que na boca de Christo, & nos ouuidos de S. Ioão esteue o segredo juntamente encuberto, & reuellado: Reuellado na boca de Christo, como segredo de amigo; encuberto nos ouuidos de Ioaõ, como segredo de Rey. Tanto deuem os

Ioan. 13.

Principes recatar algum segredo, ainda dos mayores priuados, qual era João. E senão consideremse os inconuenientes que do contrario se seguiam. Se o Senhor descubrira o segredo a Ioaõ, Ioaõ auiao de dizer a Pedro, q para isso o pergũtaua: se João o dizia a Pedro, Pedro auia de matar a Iudas, q a esse fim o queria conhecer: se Pedro matara a Iudas, não se executaua a vẽda, & morte de Christo: & não morrendo Christo ficaua impedido o remedio do mũdo, o genero humano sem redenção, & o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha mayores incõuenientes? De maneira, q de se conseruar aquelle segredo, q não parecia nada dependeo a conseruaçaõ do imperio de Christo. Nam importa menos hum segredo que hum imperio.

Sic Chrys.

Tanto que Christo espirou, rasgouse o vèo do templo, em final de que tambem a sinagoga espiraua, & se acabaua a Monarchia Hebrea. Assi o dizẽ todos os Doutores; mas eu replico. O final sempre ha de ter proporção com o que significa, & muita, se he natural: pois que proporção tinha rasgarse o véo do templo com se auer de acabar o imperio da Sinagoga? Grande proporção diz Sam Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus Summus Pontifex iussus fuerat intrare, reseratum est.* Aquelle vèo do templo era a cortina que cobria o Sanctasanctorum, onde estauaõ escõdidos os secretos, & mysterios daquella ley, vedados a todos, & só ao Sũmo Sacerdotes permitidos: & por isso tinha grãde proporçio rasgarse o véo do tẽplo para sinificar q se acabaua a Sinagoga; porque não ha mais proprio final de se acabar hum imperio, hũa monarchia, q romperemse as cortinas dos seus mysterios, & rasgaremse os véos de seus segredos. Os Reynos, & as monarchias sustentamse mais do mysterioso, que do verdadeiro: & se se manifestam seus mysterios, mal os defendẽ suas verdades A opinião he a vida dos imperios, o segredo he a alma da opinião. A preuenção sabida ameaça hũa sò parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendẽ a attẽção do inimigo, manifestos saõ a guia mais segura de seus a-

Matth. 27.

Leon. Pap

certos.

certos Reyno cujas resoluçoẽs primeiro forẽ publicas, q̃ executadas, ó q̃ perigosa cõjeitura tẽ de sua conservação!

Que bem entendia esta politica el Rey Dauid. Leantouse Absalão com o Reyno, começou a fazer grandes leuas de gente, grandes exercitos contra Dauid; & Dauid q̃ faria contra Absalão? Chamou Chusay hum grande seu conselheiro, disselhe, que se passasse a confidencia de Absalão, & que como fosse admitido aos conselhos, lhe reuelasse, por vias occultas, tudo o que là passasse: *Omne verbũ quodcunq; audieris de domo regis indicabis*. Isto fez Dauid, & não fez mais. Pois Dauid; se vem contra vòs tão numerosos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exercito? E já que vos descuidais destas preuençoes, a q̃ fim mandais lâ Chusay? Que ha de fazer hum homẽ cõtra Absalão? Obrou Dauid como soldado tão experimentado, & como Rey tão politico. Querẽdose opor ao poder de Absalão, tratou sobre tudo de lhe meter hum confidente seu no conselho, porque entendeo que mayor guerra fazia a Absalão cõ hũ homẽ q̃ lhe rõpesse os seus segredos, q̃ cõ muitos mil homẽs, q̃ lhe rompessem os seus exercitos. Hũ exercito roto podese refazer; mas hũ segredo roto não se pode remediar. Hũ exercito roto podese refazer com soldados. hum segredo roto não se pode soldar com exercitos. Qualquer grande poder sem segredo he fraqueza: & a mesma fraqueza com segredo he grande poder. Em quãto Sansam encobrio o segredo de seus cabellos, destruio exercitos inteiros; como descubrio o segredo a Dalida cortaramlhe os cabellos os Filisteus, & poderão atar aquellas valentes mãos, de quem tantas vezes forão vencidos. O q̃ grande exemplo do poder do segredo! De maneira que sete cabellos com segredo, faziaõ tremer exercitos armados; & esse mesmo poder, que fazia tremer exercitos armados, sem segredo, bastou hum golpe de hũa tesoura para o desbaratar. Por isso Dauid contra Absalaõ tratou de lhe conquistar os segredos, naõ de lhe vencer os exercitos. E se tanta estimaçaõ fazia de hũ segredo Dauid, porq̃ era Rey,

2. Reg. 15

Iudic. 16

que muito que fizeſſe tanta eſtimaçaõ do ſegredo Ioſeph, porque era filho de Dauid? *Ioſeph fili Dauid.*

Fez tão grande eſtimaçam do ſegredo S. Ioſeph, q̃ nam sòmente o não fiou de outrem, mas tambem não o fiou de ſi. Para bem ſe guardar o ſegredo, não sò o auemos de recatar dos outros, mas tambem o auemos de recatar de nòs. O meu ſegredo ha o de ſaber algũa parte de mi, mas todo eu não o heide ſaber. Hei de fazer hum repartimẽto entre eu, & mi, & ſe o ſouber ametade de mi, nam o hade ſaber a outra ametade. Parece doutrina paradoxa, & he
Matth. 6. conſelho expreſſo de Chriſto. *Cum facis eleemoſinam neſciat ſiniſtra tua quid faciat dextera tua*: Quando fizeres algũa eſmolla com a maõ direita, nam o ſaiba a mão eſquerda. Pergunto; & porque nam diſſe Chriſto, quando fizeres algũa eſmolla com a mão eſquerda, nam o ſaiba a maõ direita? Porque a maõ direita he mais nobre, a maõ eſquerda menos: & da mais nobre fiou Chriſto a liberalidade, da menos nobre deſconfiou o ſegredo. O ſegredo a ninguem; mas auendo de ſer, às mayores calidades. Diz, pois, Chriſto: O que ſouber a maõ direita, naõ o ſaiba a eſquerda. Como ſe diſſera: Aueis de fazer hum repartimento entre vós, & vòs, & o ſegredo que ſouber aquella ametade que chega da mão direita atè o coraçam, nam o ſaiba a a outra ametade, que chega do coraçam atè a mam eſquerda. Aſſi o fez Sam Ioſeph. O ſeu ſegredo ſabia o parte de Sam Ioſeph; mas todo Sam Ioſeph nam o ſabia. Sabia o a parte mais nobre d'alma, cõ ſuas potencias; mas naõ o ſabia a parte menos nobre do corpo cõ ſeus ſẽtidos. Sabiaõ as potencias d'alma, porque o ſabia a vontade, *Noluit*, & o entendimento, *Cogitante*; mas nam o ſabiam os ſentidos do corpo, porque nẽ a boca o pronũciou, nẽ os olhos o ſignificaram, nem em outro algum ſentido ſe vio indicio. Donde ſe verá a razam porque o Anjo appareceo a Sam Ioſeph em ſonhos: *Angelus Domini apparuit in ſomnis Ioſeph*. E porque nam acordado, ſenam dormindo? Porque como Sam Ioſeph fiara o ſegredo sò às potencias

d'alma

d'alma, & nam aos sentidos do corpo, aguardou o Anjo a que os sentidos estiuessem dormindo para acudir ao remedio, sem violar o segredo. *Angelus Domini aparuit in somnis Ioseph quod nulli fuerat confessus sed inclusum tantummodo mente voluebat*; disse aduertidamẽte S. Ioaõ Chrysostomo. Tanto recato guardou S. Ioseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo. Chrysost.

Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph. Estando Sam Ioseph cuidando nestas cousas, appareceolhe hum Anjo em sonhos, diz o Euangelista. Notauel consequencia! Se sonhaua, logo dormia, & se dormia como cuidaua? Dormir, & cuidar juntamente, parece que nam pode ser. Pois se estaua cuidando: *Hæc autem eo cogitante*; como estaua juntamente dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph*? Dormia, & mais cuidaua Sam Ioseph, porque era filho de Dauid. Esta differença faz o sono dos Principes ao dos outros homẽs; que os Reys cuidam dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hum sono desuelado, he hum dormir cuidadoso, hum descançar inquieto, hum desatender aduertido, hum descuidarse vigiando. Nos outros homẽs o sono he prisam dos sentidos; nos Reys he dissimulação sòmente. Por isso ao Leaõ lhe deram o Imperio dos Animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizesse centinella o coraçam. *Ego dormio, & cor meum vigilat*: dizia o Rey mais sabio.

Dormindo estaua Faraò quãdo vio aquelle sonho admirauel das sete vacas fracas, q̃ comião as sete robustas, em q̃ se significauão os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q̃ auiam de succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquietauam o sono estes cuidados. Quatorze annos antes leuaua Pharaò adiantado o gouerno de seus vassallos, & já entam sonhaua cõ seus bẽs, & o desuellauão seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homẽs, o sono he hũa morte: nos Principes o sono sam duas vidas. Pharaò acordado vinia no tempo presente, dormindo vi- Genes 42.

via no presente,& mais no futuro: no presente por duraçam,no futuro por cuidado. Mais via Pharaò dormindo com os olhos fechados,que acordado com os olhos abertos: acordado com os olhos abertos via o que jà era, dormindo cõ os olhos fechados,via o q̃ ainda não era,só porque auia de ser. Fechou os olhos para dobrar a esfera da vista. Cõ os olhos abertos via poucos espaços de lugar,cõ os olhos fechados alcançaua grandes distancias de tempo. Assi dormia o Rey do Egypto Pharaò. E o Rey dos Assirios Nabuco como dormia? Dormia sonhando com o seu Reyno,& com os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella prodigiosa estatua,que representaua os quatro Imperios
Dan. 3. dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos; o corpo estaua descuidado,com os sentidos presos,& a alma andaua cuidadosa,leuantando,& derrubando estatuas, fantasiando Reynos,& Monarchias. Mais faziaNabucodonosor dormindo,que acordado: porque acordado cuidaua no gouerno de hũ Reyno, & dormindo imaginaua na sucessaõ de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Assirios, quem o metia com o Imperio dos Persas,com o dos Gregos,com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio que tinha. Era Rey,& quem quer conseruar oReyno proprio hade sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio ha ter cuidado,& os Reynos alheos lhe haõ de dar cuidado. Ninguem gouernou bem o seu Reyno,que não attendese ao gouerno de todos. O bom Rey tem por esfera o mũdo. He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os Reynos pelo cuidado. E como o dormir,& o cuidar naõ he contrariedade nos Reys, senaõ natureza, ou obrigaçam quando menos; tendo Sam Ioseph tanto de Rey, não he muyto que estiuesse cuidando,& dormindo juntamente. *Hæc autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.*

Ora eu nam me espanto tanto de que Sam Ioseph dormindo cuidasse,senão de que cuidãdo dormisse. Que dormindo pudesse ter tais cuidados não me espanta,mas que

tendo

tẽdo tais cuidados pudesse dormir, isto me admira. O certo he que tanto mostrou S. Ioseph a realeza de seu animo em dormindo poder ter mais cuidados, como em tẽdo tais cuidados poder dormir. No meio dos maiores cuidados ter magnamidade de coração para dar algũ aliuio aos sentidos, tambem he parte de Rey.

Transfigurouse Christo no monte Tabor, dando hum bom dia a sua humanidade sagrada, o melhor que nesta vida teue; acçam em que sempre reparei muito, nam tãto pelo descostume, quanto pelo tempo. O tempo em q̃ Christo se transfigurou foy quando trazia mais entre mãos os negocios da redempçam do mundo, & andaua em vesporas de a cõcluir, como bem mostrarão as praticas que teue cõ Moyses, & Elias. Pois Senhor meu, se andais com hũ negocio de tanta importancia entre as maõs, se andais em vesporas de concluir não menos, que a redençaõ do mundo, como vos ides ao retiro do monte Tabor? Como tomais horas de recreaçaõ? Como vos pondes a ouuir vozes do Ceo? No meio de taõ grandes cuidados esse diuertimẽto! Si. Foy Christo alegrarse ao monte Tabor, quando mais cuidadosamente trataua o negocio da redempçaõ, para mostrar que não he contra a obrigaçaõ de Rey, né de Redemptor, no meio dos maiores cuidados tomar hum dia de monte. *Duci in montana pars regni est:* disse discretamente S. Hieronymo: Tomar hum dia de monte, tomar hũa hora de recreaçaõ, no meio dos maiores cuidados, tambem he parte de Rey. Descançar para cançar mais, antes he ambiçaõ de trabalho, que desejo de descanço. Quando as potẽcias d'alma estaõ tão fatigadas, justo he que se dè algum aliuio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palauras do Santo: *Pars regni est.* Se dissera S. Hieronymo, que os moderados passatempos, sam priuilegios das magestades: se dissera, que sam gages do poder supremo: que saõ diuertimentos licita, & honestamente soberanos; bem estaua. Mas dizer, que sam calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est?* Si. Porque o principal attributo de reynar he at-

Matth. 17.

D. Hieron.

tender no cuidado do Reyno; & tambem he parte de attender aos cuidados, descuidarse por hum hora delles. Para digerir onegocio, he necessario desafogar oanimo: parte he logo de cuidado o diuertirse, quando o recrear os sentidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra proua mais q̃ a do nosso Euãgelho. Dous estados teue São Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imaginaua, outro de diuertido quando dormia. Pergũto. E quãdo resolueo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe daua? Quando? Quando se diuertio hum pouco delle. Quando cuidadoso imaginaua, tudo eram duuidas, tudo escrupulos, tudo perplexidades: quando se diuertio hum pouco dormindo, serenaramse as tẽpestades do animo, & desfez a verdade a cõfusaõ, que o trazia perplexo. De maneira q̃ o demasiado cuidado lhe embaraçaua a resoluçaõ, & o moderado descanço lhe resolueo o cuidado. Quando deu a recreaçam aos sentidos, entam achou a soluçam dos negocios. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph*. E como tambẽ he parte deRey, no meio dos maiores cuidados, tomar algũ descãço; por isso o Anjo quãdo achou dormindo a S. Ioseph, no meyo dos seus, lhe chamou filho delRey Dauid. *Ioseph fili Dauid noli timere*.

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta, que foi: Para que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeiçoẽs reaes. Na aplicaçam dellas se me offerecia agora larga materia a hum agradauel discurso, se prégara n'outro lugar. Mas aconteceume hoje o que a Plinio cõ aMagestade deTrajano, que a presença de taõ moderado Principe lhe impedia a melhor parte de sua oraçaõ quasi offendendo cõ o silencio suas virtudes, por nam offender cõ o discurso sua modestia. *Orationem meam ad modestiam Principis moderationemq; submittam nec minus considerabo quid aures eius pati possint quam quòd virtutibus debeatur.* E assi para q̃ os louuores sejaõ só de S. Ioseph; & para q̃ senam falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido das grandes obrigaçoens que lhe deuemos; saibamos que

Plin.

nam

nam sò foram influencias deste benigno Planeta as calidades do nacimento, senão a conseruaçaõ da vida, que sua Magestade logre por compridissimos annos para que contemos muytos dias destes. Nenhum Rey teue mais arriscada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys que no nacimento de Christo o adoraraõ; porque estauaõ debaixo da jurdiçaõ de Herodes, & sogeito às temeridades de sua tyrannia. Cõ tudo Deos os leuou por taes caminhos, que elles cõseruaraõ as vidas, & se restituiram a seus Reynos. Mas porque merecimentos? Ouui hũas palauras de saõ Hieronymo de poucos atè hoje bem entendidas. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsum Dominũ vt meritorum Ioseph priuilegium demonstraretur.* Ensinoulhes Deos imediatamente o caminho por onde se hauiam de restituir saluos a seus Reynos, porque se vissem os priuilegios de Sam Ioseph: *Vt Ioseph priuilegium demonstraretur.* Saluaremse os Reys a pezar do tyranno priuilegio dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como diz Sam Hieronymo, que naõ foy senaõ priuilegio de S. Ioseph: *Vt priuilegium Ioseph demonstraretur?* Como S. Ioseph era do Real sangue de Dauid, ainda por força natural do sangue estam tam vinculados seus merecimentos ao patrocinio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda os Reys, fallo pelos priuilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy o beneficio, mas de Sam Ioseph foy o priuilegio. *Vt Ioseph priuilegium demonstraretur.* Assi que conseruar S. Magestade a vida, a pezar do tyranno dentro em suas proprias terras, & restituirse a seu Reyno por caminhos taõ outros do que se podia esperar: *Per aliã viã reuersi sunt in regionem suã*; fortunas sam de S. Magestade, mas foram priuilegios de S. Ioseph. *Vt Ioseph priuilegiũ demõstraretur.* A S. Ioseph deuemos a vida, & os annos do Rey q̃ nos deu em seu dia. *Matth. 1.* *Hier.*

Mas quero eu, por fim, q̃ aduirtamos, q̃ ainda q̃ nos deu o Rey, & os annos, mais lhe deuemos pelos annos, q̃ pelo Rey. Ora notai. O Reyno de Portugal, nam se perdeo por falta de Rey; perdeose por falta de annos. Nam se perdeo

por falta de Rey, porque nas mãos de dous Reys se perdeo: nas mãos del Rey Dom Sebastiam, & nas mãos del Rey Dom Henrique. Perdeose porem por falta de annos; porque el Rey Dom Henrique tinha tantos annos, que nos nam pode deixar successor: & el Rey Dom Sebastiam tinha tam poucos, que sem nos deizar successor se foy matar a Africa. E como o Reyno se perdeo por falta de annos, & nam por falta de Rey, nam deuemos tanto a Sam Ioseph pelo Rey como pelos annos. Porque nos deu hum Rey de tal idade, & em tal mediania de annos, qual o haviamos mister. Nem tam poucos annos como os del Rey Dom Sebastiam, porque auia mister mais annos o gouerno: nem tantos annos como os del Rey D. Henrique, porque hauia mister menos annos a succeſſam. Hum Rey que tiuesse viuido os annos que bastassem para a esperiencia, & q̃ lhe faltassem por viuer os annos, que saõ necessarios para a conseruaçaõ. Annos maduros para o cõselho, efficaces para a execuçam, robustos para o trabalho, fortes, & animosos para a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos; que debaixo do patrocinio de Ioseph, nam ha annos infelices, ainda que os prometa o tẽpo. Pharaó sonhou sete annos de fartura, & sete de fome: pozse debaixo do patrocinio de Ioseph, & todos os quatorse annos foram de fartura. De maneira q̃ na proviſão do Rey auia annos felices, & infilices; mas na protecçaõ de Ioseph os felices, & os infilices todos foram ditosos. Assi serão os annos q̃ esperamos (por mais q̃ o mũdo padeça calamidades) felices todos por fauor de S. Ioseph: felices na vida de Ss. Magestades, & Altesas: felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na cõseruaçam & perpetuidade do nosso Reyno: felices em fim na reformaçam dos costumes, & augmẽto das virtudes Christãs, por meyo da graça. *Quam mihi, & vobis, &c.*

LAVS DEO.

Taxam este Sermam em reis.
Lisboa 22. de Outubro de 1644.

Coelho. *Menezes.*

Typam, ele Sermam cuj . reis
Lisboa 22. de Outubro de 1641.

Cerbo. Mamede.

010334